

IV - TRADUÇÃO LITERÁRIA

TRADUÇÃO COLECTIVA DE:

Brigith Guimarães

Carla Morais Pires

Gisela Leal

Julita Figueiredo

Jorge Miguel Osório

Vera Carvalho

Nota: Estas traduções (de responsabilidade colectiva) foram realizadas no âmbito do Seminário de Tradução I, orientado por Ana Luísa Amaral, do Curso de Pós-Graduação em Tradução Literária (2005-2006), de Departamento de Estudos Anglo-Americanos, da FLUP.

Introduction (Songs of Innocence)

(William Blake, 1789)

Piping down the valleys wild
Piping songs of pleasant glee
On a cloud I saw a child,
And he laughing said to me:

Pipe a song about a Lamb!
So I piped with merry cheer,
Piper, pipe that song again —
So I piped: he wept to hear.

Drop thy pipe, thy happy pipe
Sing thy songs of happy cheer,
So I sung the same again
While he wept with joy to hear

Piper, sit thee down and write
In a book, that all may read —
So he vanished from my sight,
And I plucked a hollow reed.

And I made a rural pen,
And I stained the water clear,
And I wrote my happy songs
Every child may joy to hear

Introdução (Canções de Inocência)

Vales abaixo, tocando
Canções de doce alegria
Sobre nuvem vi criança
E ela rindo me dizia.

Toca a canção do Cordeiro:
E eu toquei-a com prazer,
Toca-a de novo, gaiteiro—
E eu toquei, chorou d'ouvir.

Larga a tua flauta e canta
Tuas canções de alegria,
Então de novo cantei-lhe
Feliz chorando ela ouvia.

Gaiteiro, senta-te e escreve
A todos dá livro a ler—
Minha vista então o perde,
Cana oca fui colher.

E rústica pena eu fiz,
E a clara água tingi,
Escrevi canções de alegria,
P'ra qualquer criança ouvir.

Introduction (Songs of Experience)

(William Blake, 1789)

Hear the voice of the Bard!
Who Present, Past & Future, sees
Whose ears have heard,
The Holy Word

That walk'd among the ancient trees.
Calling the lapsed Soul
And weeping in the evening dew:
That might controll

The starry pole:
And fallen fallen light renew!
O Earth O Earth, return!
Arise from out the dewy grass;

Night is worn
And the morn
Rises from the slumberous mass.
Turn away no more:
Why wilt thou turn away
The starry floor,
The watery shore
Is given thee till the break of day.

Introdução (Canções de Experiência)

Escutai a voz do Bardo!
Que vê Presente, Futuro & Passado
Que ouviu em seus ouvidos
A Palavra Sagrada,

Que entre árvores antigas caminhava.
Chamando a Alma perdida
E chorando no último orvalho:
Que podia cuidar

Do pólo estrelado:
E restaurar a luz tão caída!
Ó Terra Ó Terra volta!
Soergue-te da erva orvalhada;

É gasta a Noite,
E a madrugada
Ergue-se da imperfeita massa.
Não te afastes mais:
Porque te afastarias
O chão estrelado
A margem molhada
São-te dadas até romper o dia.

Earth's Answer (Songs of Experience)

(William Blake, 1794)

Earth rais'd up her head
From the darkness dread & drear,
Her light fled:
Stony dread!
And her locks cover'd with grey despair.

Prison'd on watry shore
Starry Jealousy does keep my den
Cold and hoar
Weeping o'er
I hear the Father of the ancient men

Selfish father of men
Cruel, jealous, selfish fear
Can delight
Chain'd in night
The virgins of youth and morning bear

'Does spring hide its joy
When buds and blossoms grow?
Does the sower?
Sow by night?
Or the plowman in darkness plow?

Break this heavy chain,
That does freeze my bones around
Selfish! vain!
Eternal bane!
That free Love with bondage bound.

Resposta da Terra (Canções de Experiência)

A Terra ergueu a cabeça,
Do escuro medonho & lúgubre,
Perdida a sua luz
Em pedra, lívida!
Cobertos os cabelos de cinza e desespero.

Cativa em margem molhada
O Ciúme Estrelado mantém meu refúgio
Velho e frio
Lamentando-se
Ouço o Pai dos homens antigos

Pai egoísta dos homens
Egoísta, cruel, ciumento medo
Pode o deleite
Acorrentado à noite
Gerar virgens de juventude e aurora

Esconde a primavera sua alegria
Quando brotam os rebentos e as flores?
E o sementeiro?
Semeia à noite?
Ou às escuras lavra o lavrador?

Quebra as pesadas correntes,
Que os meus ossos enregelam
Egoísta! Vão!
Castigo eterno!
Que o livre Amor com servidão sujeita.

The Lamb (Songs of Innocence)

(William Blake, 1789)

Little Lamb, who made thee
Dost thou know who made thee
Gave thee life, and bid thee feed,
By the stream and o'er the mead;
Gave thee clothing of delight,
Softest clothing, woolly, bright;
Gave thee such a tender voice,
Making all the vales rejoice?
Little Lamb, who made thee?
Dost thou know who made thee?

Little Lamb, I'll tell thee;
Little Lamb, I'll tell thee:
He is called by thy name,
For He calls Himself a Lamb
He is meek, and He is mild,
He became a little child.
I a child, and thou a lamb,
We are called by His name.
Little Lamb, God bless thee!
Little Lamb, God bless thee!

O Cordeiro (Canções de Inocência)

Cordeirinho, quem te fez?
Saberás tu quem te fez?
Quem te deu vida & cuidados,
P'lo regato e pelos prados?
Quem te deu traje de encanto,
Suave e de luz o teu manto?
Te deu uma voz tão doce,
Que alegria aos vales trouxe?
Cordeirinho, quem te fez?
Saberás tu quem te fez?

Cordeirinho, eu te direi,
Cordeirinho, eu te direi,
Chamado ele é por teu nome,
Pois Cordeiro se nomeia
Ele é manso & ele é brando;
Em Menino se tornando.
Eu Menino & tu cordeiro,
O Seu nome nos nomeia.
Deus te guarde, Cordeirinho!
Deus te guarde, Cordeirinho!

The Tyger (Songs of Experience)

(William Blake, 1794)

Tyger Tyger, burning bright,
In the forests of the night;
What immortal hand or eye,
Could frame thy fearful symmetry?

In what distant deeps or skies
Burnt the fire of thine eyes?
On what wings dare he aspire?
What the hand, dare sieze the fire?

And what shoulder, & what art,
Could twist the sinews of thy heart?
And when thy heart began to beat,
What dread hand? & what dread feet?

What the hammer? what the chain?
In what furnace was thy brain?
What the anvil? what dread grasp,
Dare its deadly terrors clasp?

When the stars threw down their spears
And water'd heaven with their tears:
Did he smile his work to see?
Did he who made the Lamb make thee?

Tyger Tyger burning bright,
In the forests of the night:
What immortal hand or eye,
Dare frame thy fearful symmetry?

O Tigre (Canções de Experiência)

Tigre Tigre, ardendo aceso,
Pelas florestas da noite;
Que mão imortal, que olhar,
Pôde forjar tua terrível simetria?

Em que céus ou profundezas,
Ardeu o fogo dos teus olhos?
Em que asas se ousa elevar?
E o fogo, que mão o agarra?

Que ombro ou arte domariam
As fibras do teu coração?
Começando ele a bater,
Que temíveis pés? Que temível mão?

Teu cérebro, quem o malha?
Que martelo? Que fornalha?
Que bigorna? Que poder,
Ousa seus horrores prender?

Ao lançarem seus dardos as estrelas
E regarem de lágrimas os céus,
Ante sua obra, ele sorriu?
E quem fez o Cordeiro fez-te a ti?

Tigre Tigre, ardendo aceso,
Pelas florestas da noite;
Que mão imortal, que olhar,
Ousa forjar tua terrível simetria?

P. 8

(Emily Dickinson, c. 1858)

There is a word
Which bears a sword
Can pierce an armed man —
It hurls its barbed syllables
And is mute again —
But where it fell
The saved will tell
On patriotic day,
Some epauletted Brother
Gave his breath away.

Wherever runs the breathless sun —
Wherever roams the day —
There is its noiseless onset
There is its victory!
Behold the keenest marksman!
The most accomplished shot!
Time's sublimest target
Is a soul "forgot"!

P. 1755

(Emily Dickinson)

To make a prairie it takes a clover and one
bee,
One clover, and a bee,
And revery.
The revery alone will do,
If bees are few.

Poema 8

(Emily Dickinson)

Há uma palavra
Que leva uma espada
Pode trespassar um homem armado —
Lança as suas sílabas farpadas
E de novo é calada —
Mas onde tombar
Os salvos dirão
Em patriótico dia,
Um Irmão, um soldado
Não mais respiraria.

Por onde correr o sol ofegante —
Por onde vagueie o dia —
Eis o seu silencioso assalto —
Eis a sua vitória!
Olhai o atirador mais hábil!
O tiro mais certo!
O mais sublime alvo do tempo
É uma alma "esquecida"!

Poema 1775

(Emily Dickinson)

Para fazer uma pradaria, põe-se trevo e uma
abelha,
Um trevo, abelha
E fantasia.
Sózinha a fantasia bastaria,
Se poucas as abelhas.

Lady Lazarus

(Sylvia Plath, 1962)

I have done it again.
One year in every ten
I manage it —

A sort of walking miracle, my skin
Bright as a Nazi lampshade,
My right foot

A paperweight,
My face featureless, fine
Jew linen.

Peel off the napkin
O my enemy.
Do I terrify? —

The nose, the eye pits, the full set of teeth?
The sour breath
Will vanish in a day.

Soon, soon the flesh
The grave cave ate will be
At home on me

And I a smiling woman.
I am only thirty.
And like the cat I have nine times to die.

This is Number Three.
What a trash
To annihilate each decade.

What a million filaments.
The peanut-crunching crowd
Shoves in to see

Them unwrap me hand and foot—
The big strip tease.
Gentlemen, ladies

These are my hands
My knees.
I may be skin and bone,

Nevertheless, I am the same, identical woman.
The first time it happened I was ten.
It was an accident.

The second time I meant
To last it out and not come back at all.
I rocked shut

As a seashell.
They had to call and call
And pick the worms off me like sticky pearls.

Dying
Is an art, like everything else.
I do it exceptionally well.

I do it so it feels like hell.
I do it so it feels real.
I guess you could say I've a call.

It's easy enough to do it in a cell.
It's easy enough to do it and stay put.
It's the theatrical

Comeback in broad day
To the same place, the same face, the same brute
Amused shout:

'A miracle!'
That knocks me out.
There is a charge

For the eyeing of my scars, there is a charge
For the hearing of my heart—
It really goes.

Lady Lázaro

And there is a charge, a very large charge
For a word or a touch
Or a bit of blood

Or a piece of my hair or my clothes.
So, so, Herr Doktor.
So, Herr Enemy.

I am your opus,
I am your valuable,
The pure gold baby

That melts to a shriek.
I turn and burn.
Do not think I underestimate your great concern.

Ash, ash —
You poke and stir.
Flesh, bone, there is nothing there —

A cake of soap,
A wedding ring,
A gold filling.

Herr God, Herr Lucifer
Beware
Beware.

Out of the ash
I rise with my red hair
And I eat men like air.

Fi-lo outra vez.
Um ano em cada dez
Acabo por fazê-lo —

Um milagre ambulante, a minha pele
Brilhante como abat-jour Nazi,
O pé direito

Um pisa-papéis,
Face vazia de expressão, fino
Linho judeu.

Retira o pano
Oh meu inimigo.
Aterrorizo? —

O nariz, as covas dos olhos, a dentadura?
O hálito azedo
Sumir-se-á num dia.

Breve, em breve a carne
Que o túmulo comeu terá
Morada em mim

E eu, mulher sorrindo.
Tenho só trinta anos.
E como o gato, nove vezes para morrer

Esta é a Número Três.
Que desperdício
A aniquilar cada década.

Milhões de filamentos.
A multidão voraz
Tropeça para os ver

Tirar-me a roupa toda
O grande *striptease*.
Senhores, senhoras

Estas são as minhas mãos,
Os meus joelhos.
Posso ser pele e ossos,

No entanto, sou a mesma, idêntica mulher.
Na primeira vez tinha dez anos.
Foi acidente.

Da segunda queria
Que houvera sido eterno e nunca mais voltasse.
Fechei-me como concha

A balançar.
Eles tiveram de chamar e chamar
E arrancar de mim os vermes, pérolas viscosas.

Morrer
É uma arte, como tudo o resto.
Faço-o de forma excepcional.

Faço-o com especial prazer.
Faço-o e parece-me real.
Podem mesmo dizer que tenho um dom.

É muito fácil fazê-lo numa cela.
É muito fácil fazê-lo e aí ficar.
É o retorno

Teatral em pleno dia
Ao mesmo espaço, ao mesmo rosto, ao mesmo grito
Bruto e divertido:

'Milagre!'
Isso arrebatava-me.
Há um preço

Para olhar as minhas cicatrizes, há um preço
Para ouvir o meu coração —
É que ele bate mesmo.

E há um preço, um preço muito alto
Por uma palavra ou um toque
Ou um pouco de sangue

Ou um fio do meu cabelo nas minhas roupas
Então, então, Herr Doktor
Então, Herr Inimigo.

Sou a vossa obra-prima,
A vossa jóia,
O bebé de ouro puro

Que se derrete num grito.
Viro-me e ardo.
Não pensem que desprezo o vosso cuidado.

Cinzas, cinzas —
Que atiçais e remexeis.
Carne, osso, nada existe ali —

Pedaço de sabão,
Uma aliança
Um chumbo de ouro.

Herr Deus, Herr Lúcifer
Cuidado,
Tende cuidado.

Das cinzas
Ergo-me de cabelo em fogo
E engulo homens como ar.

For a Fatherless Son

(Sylvia Plath, 1962)

You will be aware of an absence, presently,
Growing beside you, like a tree,
A death tree, color gone, an Australian gum tree —
Balding, gelded by lightning — an illusion,
And a sky like a pig's backside, an utter lack of attention.
But right now you are dumb.
And I love your stupidity,
The blind mirror of it. I look in
And find no face but my own, and you think that's funny.
It is good for me
To have you grab my nose, a ladder rung.
One day you may touch what's wrong —
The small skulls, the smashed blue hills, the godawful hush.
Till then your smiles are found money.

Para um Filho sem Pai

Notarás uma ausência, em breve,
Crescendo ao teu lado, como uma árvore,
Árvore da morte, sem cor, um eucalipto australiano —
Despido, castrado por relâmpago, uma ilusão,
E um céu como o traseiro de um porco, uma absoluta falta de atenção.
Mas por agora és mudo.
E eu amo a tua estupidez,
O seu espelho cego. Olho-o
E encontro apenas o meu rosto, e tu achas graça.
Faz-me bem
Quando me puxas o nariz, degrau de escada.
Um dia podes tocar o que há de mal —
As pequenas caveiras, os montes azuis desfeitos, o silêncio medonho.
Até lá os teus sorrisos são tesouro achado.

Edge

(Sylvia Plath, 1962)

The woman is perfected.
Her dead

Body wears the smile of accomplishment,
The illusion of a Greek necessity

Flows in the scrolls of her toga,
Her bare

Feet seem to be saying:
We have come so far, it is over.

Each dead child coiled, a white serpent,
One at each little

Pitcher of milk, now empty.
She has folded

Them back into her body as petals
Of a rose close when the garden

Stiffens and odors bleed
From the sweet, deep throats of the night flower.

The moon has nothing to be sad about,
Staring from her hood of bone.

She is used to this sort of thing.
Her blacks crackle and drag.

Limite

A mulher está completa.
O corpo

Morto veste o sorriso da plenitude,
A ilusão de uma fatalidade grega

Flui nas espirais da sua toga,
Os pés

Descalços parecem estar a dizer:
De tão longe viemos, acabou.

Cada criança morta enrolada, serpente branca,
Cada uma em seu

Jarro de leite, pequeno e já vazio.
Cingiu-as

Outra vez contra o seu corpo, pétalas
Num fechar de rosa quando o jardim

Se encerra e sangram os odores
Dos fundos, doces colos da flor da noite.

A lua não tem por que estar triste,
Fitando do seu capuz em osso.

Habituada que está a estas coisas,
Crepitam e arrastam-se os seus lutos.

Power

(Adrienne Rich, 1974)

Living in the earth-deposits of our history

Today a backhoe divulged out of a crumbling flank of earth
one bottle amber perfect a hundred-year-old
cure for fever or melancholy a tonic
for living on this earth in the winters of this climate

Today I was reading about Marie Curie:
she must have known she suffered from radiation sickness
her body bombarded for years by the element
she had purified
It seems she denied to the end
the source of the cataracts on her eyes
the cracked and suppurating skin of her finger-ends
till she could no longer hold a test-tube or a pencil

She died a famous woman denying
her wounds
denying
her wounds came from the same source as her power

Poder

Viver nos sedimentos da nossa história

Hoje uma escavadora divulgou num flanco de terra em derrocada
uma garrafa âmbar perfeita com cem anos
cura para a febre ou melancolia um tónico
para viver nesta terra nos Invernos deste clima

Hoje eu lia sobre Marie Curie:
ela deve ter sabido que sofria do mal das radiações
o corpo bombardeado anos a fio pelo elemento
que purificara
Parece que negou até ao fim
a origem das cataratas nos seus olhos
a pele da ponta dos dedos gretada e supurante
até já não conseguir segurar um tubo de ensaio ou um lápis

Morreu mulher famosa negando
as suas feridas
negando
as suas feridas vindas da mesma fonte que o seu poder

North American Time

(Adrienne Rich, 1983)

I

When my dreams showed signs
of becoming
politically correct
no unruly images
escaping beyond border
when walking in the street I found my
themes cut out for me
knew what I would not report
for fear of enemies' usage
then I began to wonder

II

Everything we write
will be used against us
or against those we love.
These are the terms,
take them or leave them.
Poetry never stood a chance
of standing outside history.
One line typed twenty years ago
can be blazed on a wall in spraypaint
glorify art as detachment
or torture of those we
did not love but also
did not want to kill

We move but our words stand
become responsible

and this is verbal privilege

III

Try sitting at a typewriter
one calm summer evening
at a table by a window

in the country, try pretending
your time does not exist
that you are simply you
that the imagination simply strays
like a great moth, unintentional
try telling yourself
you are not accountable
to the life of your tribe
the breath of your planet

IV

It doesn't matter what you think.
Words are found responsible
all you can do is choose them
or choose
to remain silent. Or, you never had a choice,
which is why the words that do stand
are responsible

and this is verbal privilege

V

Suppose you want to write
of a woman braiding
another woman's hair—
straightdown, or with beads and shells
in three-strand plaits or corn-rows—
you had better know the thickness
the length the pattern
why she decides to braid her hair
how it is done to her
what country it happens in
what else happens in that country

You have to know these things

VI

Poet, sister: words—
whether we like it or not—

stand in a time of their own.
 no use protesting *I wrote that*
before Kollontai was exiled
Rosa Luxembourg, Malcolm,
Anna Mae Aquash, murdered,
before Treblinka, Birkenau,
Hiroshima, before Sharpeville,
Biafra, Bangla Desh, Boston,
Atlanta, Soweto, Beirut, Assam
 —those faces, names of places
 sheared from the almanac
 of North American time

VII

I am thinking this in a country
 where words are stolen out of mouths
 as bread is stolen out of mouths
 where poets don't go to jail
 for being poets, but for being
 dark-skinned, female, poor.
 I am writing this in a time
 when anything we write
 can be used against those we love
 where the context is never given
 though we try to explain, over and over
 For the sake of poetry at least
 I need to know these things

VIII

Sometimes, gliding at night
 in a plane over New York City

I have felt like some messenger
 called to enter, called to engage
 this field of light and darkness.
 A grandiose idea, born of flying.
 But underneath the grandiose idea
 is the thought that what I must engage
 after the plane has rage onto the tarmac
 after climbing my old stair, sitting down
 at my old window
 is meant to break my heart and reduce me to
 silence.

IX

In North America time stumbles on
 without moving, only releasing
 a certain North American pain.
 Julia de Burgos wrote:
That my grandfather was a slave
is my grief; had he been a master
that would have been my shame.
 A poet's words, hung over a door
 in North America, in the year
 nineteen-eighty-three.
 The almost-full moon rises
 timeless speaking of change
 out of the Bronx, the Harlem River
 the drowned towns of the Quabbin
 the pilfered burial mounds
 the toxic swamps, the testing-grounds

and I start to speak again.

Tempo Norte-Americano

I

Quando os meus sonhos deram sinais
de se tornarem
politicamente correctos
sem imagens insubmissas
escapando além fronteiras
quando caminhando pela rua encontrei
temas talhados para mim
soube o que não deveria dizer
por medo de uso inimigo
então comecei a pensar

II

Tudo o que escrevemos
será usado contra nós
ou contra aqueles que amamos.
São estas as condições,
é pegar ou largar.
A poesia nunca teve hipótese
de ficar à margem da história.
Uma linha dactilografada há vinte anos
pode ser pintada num muro a spray
glorificando a arte como indiferença
ou tortura daqueles que
não amámos mas que também
não quisemos matar

Nós seguimos mas as nossas palavras ficam
tornam-se responsáveis
por mais do que pretendíamos

e isto é privilégio verbal

III

Tenta sentar-te diante de uma máquina de
escrever

numa noite calma de Verão
a uma mesa perto de uma janela
no campo, tenta fingir
que o teu tempo não existe
que és simplesmente tu
que a imaginação vagueia simplesmente
como grande borboleta nocturna, involuntária
tenta dizer-te
que não és imputável
pela vida da tua tribo
pela respiração do teu planeta

IV

Não interessa o que pensas.
São as palavras as responsáveis
tudo o que podes fazer é escolhê-las
ou escolher
ficar em silêncio. Ou, nunca tiveste escolha,
e é por isso que as palavras que de facto ficam
são responsáveis

e isto é privilégio verbal

V

Supõe que queres escrever
sobre uma mulher entrançando
o cabelo de outra mulher –
caído, ou com contas e conchas
em fiadas simples ou trabalhadas –
tens de saber a espessura
o comprimento o padrão
porque decide ela entrançar o cabelo
como isso lhe é feito
em que país acontece
que mais acontece nesse país

Tens de saber estas coisas

VI

Poeta, irmã: as palavras –
 Quer gostemos quer não –
 Ficam num tempo só seu.
 Não adianta protestar *Escrevi isto*
antes de Kollontai ser exilada
Rosa Luxemburg, Malcom,
Ana Mae Squash, assassinados,
antes de Treblinka, Birkenau,
Hiroshima, antes de Sharpeville,
Biafra, Bangladesh, Boston,
Atlanta, Soweto, Beirute, Assam
 – esses rostos, nomes de lugares
 ceifados do almanaque
 do tempo norte-americano

VII

Penso isto num país
 onde as palavras são roubadas às bocas
 como o pão é roubado às bocas
 onde os poetas não vão para a prisão
 por serem poetas, mas por serem
 de pele escura, mulheres, pobres.
 Escrevo isto num tempo
 em que tudo o que escrevemos
 pode ser usado contra aqueles que amamos
 onde o contexto nunca é dado
 embora tentemos explicar, vezes sem conta
 Pelo menos para o bem da poesia
 preciso de saber estas coisas

VIII

Planando, às vezes, pela noite
 num avião sobre Nova Iorque
 sinto-me como mensageira
 chamada a entrar, chamada a combater
 neste campo de luz e de trevas.
 Uma ideia grandiosa, nascida do voar.
 Mas sob a ideia grandiosa
 está a noção de que aquilo por que me devo bater,
 depois do rugir do avião sobre a pista
 depois de subir as minhas escadas de sempre, sentar-me
 à minha janela,
 irá partir o meu coração, reduzir-me ao silêncio.

IX

Na América do Norte o tempo tropeça
 sem se mover, libertando apenas
 uma certa dor Norte-Americana.
 Julia de Burgos escreveu:
Que o meu avô tenha sido escravo
é a minha mágoa; houvera ele sido amo
essa seria a minha vergonha.
 Palavras de poeta, penduradas numa porta
 na América do Norte, no ano de
 mil novecentos e oitenta e três.
 A lua quase cheia nasce,
 intemporal, falando de mudança
 fora do Bronx, do rio Harlem
 das cidades submersas de Quabbin
 dos túmulos profanados,
 dos pântanos tóxicos, dos solos de ensaio

 e eu começo de novo a falar

The Shaking World

(Elizabeth Jennings, s/d)

Under all this
There is violence.
The chairs, tables, pictures, paper-weights
Are all moving, moving.
You can't see it but they are being carried
Along with currents and continents.
We too are carried (our peace two quarrelling doves)
And nothing, nothing is still

A Buddhist monk at his most uplifted
High in the Himalayas
Is moved too.
Great wheels of the world bear him round and round.
We have tried to tie the universe to horoscopes
While we whirl between star and star.

Mundo em Tumulto

Por baixo de tudo isto
Há violência.
Cadeiras, mesas, retratos, pisa-papéis
Todos se movem, movem-se.
Tu não vês mas estão a ser arrastados
Entre correntes e continentes.
Também nós somos arrastados (a nossa paz duas pombas desavindas)
E nada, nada está calmo.

Um monge Budista no seu estado mais elevado
Lá no cimo dos Himalaias
É também movido.
Grandes rodas do mundo o fazem girar.
Procurámos atar o universo a horóscopos
Enquanto rodopiamos de estrela em estrela.

Shock

(Elizabeth Jennings, s/d)

Seeing you cry
Is, for me,
Like seeing others die.

You have been changeless, permanent
As the Equator,
Equal to all tides and suns.
Now it is as if you were a volcano
With a shattered crater.

It is elemental – this.
It is like plants budding, animals mating.
There would be fires and stars in a swift kiss,
Your tears are a storm starting.

Choque

Ver-te chorar
É, para mim,
Como ver outros morrer.

Tens sido imutável, constante
Como o Equador,
Igual a todas as marés e sóis.
Agora é como se fosses um vulcão,
A cratera despedaçada.

Tudo isto é dos elementos.
Como o brotar das plantas, o acasalar dos animais.
Haveria fogos e estrelas num beijo súbito,
As tuas lágrimas são uma tempestade a começar.

Comfort

(Elizabeth Jennings, s/d)

Hand closed upon another, warm.
The other, cold, turned round and met
And found a weather made of calm.
So sadness goes, and so regret.

A touch, a magic in the hand.
Not what the fortune-teller sees
Or thinks that she can understand.
This warm hand binds but also frees.

Conforto

Mão fechada sobre outra, quente.
A outra, fria, voltou-se num encontro
E descobriu um tempo feito calma.
Assim se vai a mágoa, assim a pena.

Um toque, a magia na mão.
Não aquilo que a vidente lê
Ou pensa compreender.
Quente, esta mão prende mas também liberta.